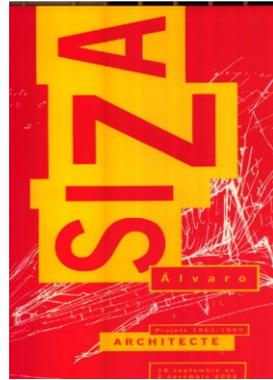


ENTREVISTA IMAGINÁRIA A SIZA VIEIRA

“NÃO SER TRADICIONALISTA E NÃO IGNORAR SUAS RAÍZES”

Por

Catharina Aulls



Dado que Siza Vieira não esteve presente na inauguração da exposição de maquetas no Centre de *design* da Universidade do Quebeque em Montreal, pensei escrever uma entrevista imaginária com Álvaro Siza Vieira, baseada nalguns artigos sobre estudos e biografias do suposto entrevistado, colhidos no Sítio do Instituto Camões, num artigo do jornal *Lusopresse*, na exposição das suas obras em Montreal e na observação pessoal da entrevistadora durante a visita à referida exposição. Todo o diálogo que se segue é uma invenção, como invenção é também a presença física de Siza Vieira no *vernissage* da exposição organizada pela Escola de Desenho da UQAM, que consiste na apresentação de várias maquetas relativas aos projectos realizados e não realizados, acompanhadas dos respectivos planos e ilustradas por fotografias das obras acabadas.

Eis a entrevista com o arquiteto português de renome mundial e laureado com o Prémio Pritzker 1992.

LUSÓGRAFO: Para começar, queria agradecer-lhe a sua generosidade em conceder-nos uma meia hora para responder a algumas perguntas. É uma grande honra falar com um dos arquitetos mais respeitados e conhecidos do mundo. Você tem obras realizadas em muitos países da Europa, recebeu uma meia dúzia de doutoramentos *honoris causa* e ganhou inúmeros prémios e medalhas, de que o Pritzker é o mais prestigiado. Uma carreira muita significativa!

SIZA VIEIRA: Obrigado. Como dizem os alemães, *a prática faz o mestre*. Dediquei à minha profissão 50 anos, vividos com paixão; é natural que, depois de meio século tenha alcançado alguns projetos com sucesso.

LUSÓGRAFO: Quais as motivações e influências que o levaram a escolher a Arquitetura?

SIZA VIEIRA: Lembro-me que - ainda miúdo - tinha um gosto especial pelo desenho e gostava de formas e cores. Mais tarde, comecei a fazer esculturas, porque passei a interessar-me pelas três dimensões e pela maneira como cada forma interage com o espaço envolvente. Daí à arquitetura, foi um passo. Interessou-me planificar edifícios e espaços que têm uma interação estética com cada um e com o meio.

LUSÓGRAFO: Acha a arquitetura uma arte abstrata?

SIZA VIEIRA: Não, pelo contrário. Os projetos são para o público e, por isso, devem ser muito concretos: os prédios precisam de habitantes, os museus, as igrejas, os edifícios e os espaços de exposição precisam de visitantes. É por isso que um arquiteto, geralmente, trabalha para um público específico, para que as pessoas sintam a harmonia que uma boa estética pode proporcionar.



Catharina Aulls e Luís Aguilar ladeiam a maqueta do Pavilhão de Portugal na Expo 98 na Exposição de Álvaro Siza Vieira na Escola de Desenho da UQAM em 2003

O meu estilo respeita o meio ambiente e a natureza. Isso faz com que os utentes dos meus trabalhos vivam a alegria e o bem-estar, porque é um estilo que acompanha o jogo e brinca com os conceitos e tradições.

LUSÓGRAFO: Podia falar do seu estilo mais concretamente?

SIZA VIEIRA: Pode enquadrar-se o estilo que sigo na delicada presença tectónica. É um jogo de revelação e ocultação. Por exemplo, no Museu de Santiago de Compostela, essa oscilação está patente no revestimento de pedra numa sub-estrutura de aço e betão, de forma a simular uma alvenaria portante. Desta forma, o jogo lúdico permite que tanto a ética como a estética coexistam. Outro exemplo: O peristilo do Pavilhão Português da Exposição Mundial de 1998. O classicismo deste peristilo é contrariado por uma cobertura em betão de 75 m de vão, sustentada por cabos. A duplicidade brincalhona desta obra é mostrada na sua alusão à tradição clássica, mas que simultaneamente a nega, com a introdução de uma cobertura em betão que é uma manifestação claramente tectónica.

LUSÓGRAFO: Em que medida concorda com o escultor Richard Serra que disse: *A escultura é uma arte, porque é autónoma.*

SIZA VIEIRA: Não considero a arquitetura como uma arte, porque ela se ocupa com coisas tão banais e concretas como a canalização, por exemplo. É claro que, por necessidade, a arquitetura opera entre e em torno de outras disciplinas (engenharia, desenho, política), e os seus limites não podem ser determinados com rigor. Daí, uma formulação alternativa: a arquitetura é o espaço que se situa entre as artes.

A escultura deve autocontrolar-se, a obra de arquitetura não.

LUSÓGRAFO: As maquetas e as fotografias que temos vindo a referir estão presentes na exposição do *Centro de Design da UQAM*, permitindo assim, a quem se der ao trabalho de a visitar, seguir o estilo de Álvaro Siza na duplicidade das colunas do referido peristilo, na sua cobertura em betão, parecendo leve e em forma de vela, e que é ao mesmo tempo, um teto cujas colunas não o sustentam. Vemos o jogo

lúdico no revestimento, a pedra que oculta/revela estruturas, no jogo de betão e madeira num estilo e na interação do betão com a praia rochosa, no projeto das Piscinas de Leça da Palmeira. Podemos ler em cada projeto exposto, a visão artística e a paixão de Siza Vieira, que, apesar de tudo, não reúne o consenso, se tivermos em conta as rudes palavras de Miguel Sousa Tavares, escritas no vespertino *O Público* e que traduz um pensamento que a ser seguido deixaria Portugal plano com vista para o mar, rodeado de Velhos do Restelo.

Quem somos nós, simples passeantes, amantes e olhantes do Tejo, para nos opormos à terrível tentação que o monstro sagrado que é Siza Vieira sempre teve de ocultar as vistas, sejam elas quais forem e seja onde for? Que lhe importará a ele que milhares de pessoas deixem de ver ali o rio, se passam a ver antes as suas torres, que algures, em Baden-Baden ou em Phoenix, no Arizona, um júri que jamais viu o Tejo em Lisboa se encarregará de premiar como obra-prima da arquitetura contemporânea?



Piscinas de marés Leça da Palmeira, Portugal 1961-1966



Pavilhão de Portugal na Expo'98. Lisboa, Portugal, 1995-1998



Maqueta do Pavilhão de Portugal na Expo'98.